

MEMÓRIAS APRISIONADAS



ESTRUTURA

Fechamento do IPPS não muda sistema carcerário do Estado

Complexo penitenciário que será construído no lugar terá três unidades semelhantes ao presídio desativado

ERILENE FIRMINO
Chefe de reportagem

A desativação do Instituto Penal Paulo Sarasate (IPPS) não significa modificações estruturais do sistema carcerário do Ceará. O local, que embora inativo continua povoado o imaginário popular como referência de aprisionamento, pode até estar em condições inapropriadas de respeito aos direitos humanos. Permanece, entretanto, como exemplo típico de prisões da sociedade contemporânea. Não é a inadequação o comum, mas o modelo.

Prova disso é o complexo penitenciário previsto para ser construído no terreno onde hoje está o IPPS, após sua implosão. Serão três outras unidades em moldes parecidos, sendo uma de segurança máxima. As prisões são elaboradas para funcionar com normas rígidas para todos os detentos que a habitam, independentemente de características individuais. Este critério tem sido o norteador também das novas unidades prisionais.

Uma mudança aqui, outra acolá, mas a ideia original fica. Esse contexto, explica a psicóloga, doutora e co-autora do livro "Prisões numa abordagem interdisciplinar", Maria Thereza Ávila Dantas Coelho, produz um afastamento do indivíduo do mundo exterior à prisão, das pessoas que ama, dos seus objetos, de sua ocupação ou trabalho. Em simultâneo, continua, ele fica exposto à violência do ambiente prisional e aos maus tratos.

O quadro vai, aos poucos, conseguindo fazê-lo perder sua individualidade. Para se diferenciar, os detentos exercitam formas distintas de expressão, através de seu comportamento, nas atividades desenvolvidas, no seu modo de se relacionar e de habitar o espaço da cela. Eles vão contando como são nos desenhos nas paredes, na arte, na sua forma de discutir a si mesmos e o sistema, a exemplo da instalação esquecida em uma dos corredores do IPPS sobre a raiva.

Há momentos também de tentarem ausentar-se da vida entre concreto, sem sair dela. Na maioria das celas do IPPS, as paredes estão cobertas com papéis ofício branco, azul ou rosa. Os coloridos também disfarçam o ferro da porta. Há quadros com imagens de mar, árvores e pássaros

Raiva não significa violência. A violência é raiva fora do controle!

Devemos perguntar:
"Por que estou com raiva?"
"Com quem estou zangado?"

Devemos ter o domínio sobre a nossa raiva!

O que está errado é o nosso comportamento e não o nosso sentimento. Ter raiva e, por isso, vontade de matar não é errado. Mas matar é errado!

voando, remetendo à sensação de liberdade.

Imagens assim, diz Thereza, que também é professora da Universidade Federal da Bahia, possuem significação comuns e, ao mesmo tempo, particulares para cada detento. Há possibilidades duais. "Podemos também visualizar um movimento de reação ao anonimato do local, de busca de impressão de marcas e de uma composição própria do ambiente em que vivem".

Muros no ar

É complexo o universo dos encarcerados. As significações dos mesmos objetos podem ser bastante diferenciadas. As muralhas, por exemplo, são limites. Separam o mundo dos encarcerados de um outro lado da vida. De uma vez só, conseguem ser o concreto que os aprisiona e a última barreira a ser vencida antes de conseguir liberdade. "Os muros da prisão têm sentidos diversos, para os detentos. Enquanto, para alguns, significam barreiras a transpor, para outros são alento e proteção", explica a psicóloga.

Na maioria das celas, as paredes estão cobertas com papéis ofício branco, azul ou rosa. Os coloridos também disfarçam o ferro da porta

Dependendo da situação de vulnerabilidade do preso fora do ambiente onde se dá o aprisionamento, a possibilidade de sair pode provocar também muita angústia e sofrimento. Daí, a necessidade imperativa de se criar mecanismos para a ressocialização. Sem ela, as chances de ele, deixando o presídio, acabar retomando a vida de transgressão.

Dificuldades

Mesmo assim, como lembra Maria Thereza, a reinserção social de um ex-detento é dificultada por muitos aspectos. De início, ligados à vida mais recente dele, há os novos laços e estratégias de convivência construídas com outros presos nas unidades onde estão. Há também o processo de estigmatização que eles passam a sofrer, desde que ingressam numa prisão.

Atrelado a tudo isso, existe ainda, a situação de vulnerabilidade social em que vivem, muitas vezes, desde a infância. Boa parte da população carcerária possui contextos de famílias violentas e conflituosas, com baixa afetividade amorosa, escolaridade e condições de vida e emprego. Em simultâneo, o Brasil possui uma carência de políticas públicas que atendam aos objetivos de reinserção social de ex-detentos. Além disso, argumenta ela, as prisões brasileiras são ainda mais punitivas do que transformadoras.

Leia mais na página 6



Uma das instalações esquecidas no IPPS exibia nas paredes frases sobre a raiva. FOTOS: EDUARDO QUEIROZ/KID JÚNIOR